

EXCELÊNCIA COM EQUIDADE

Práticas de escolas e redes de ensino nas quais o contexto social não impede a aprendizagem

ESTRATÉGIAS
DIDÁTICAS

OBSERVAÇÃO
DE SALA DE AULA

ACOMPANHAMENTO
DA SECRETARIA



FOTOS: GABRIELA PORTILHO

APRENDER É, SIM, PARA TODOS

Inspire-se nos exemplos de três educadores que estão superando os desafios da vulnerabilidade e conquistando ótimos resultados nos anos finais do Ensino Fundamental

ANOS INICIAIS



215 Escolas selecionadas
6 Visitadas



17 Estados
158 Cidades

ANOS FINAIS



35 Escolas selecionadas
6 Visitadas



8 Estados
31 Cidades

SUPERVISÃO

Ernesto Martins Faria

TEXTO

Naiara Magalhães
e Erika Nascimento

EDIÇÃO

Fernanda Salla
e Gustavo Heidrich

DESIGN E ILUSTRAÇÕES

Vilmar Oliveira

FOTO DE CAPA

Gabriela Portilho

Saiba mais sobre a pesquisa em:
www.excelenciamequidade.org.br

Nas próximas páginas, você conhecerá histórias de educadores que conseguem garantir o aprendizado em contextos sociais desfavoráveis. Um professor, um diretor escolar e um técnico pedagógico municipal compartilham suas estratégias de sucesso em três fichas para que você se inspire e as adapte à sua realidade.

Por que o contexto social importa?

Estudos nacionais e internacionais indicam que a situação econômica e a escolaridade da família interferem muito no desempenho escolar. Em locais vulneráveis, o ambiente não promove condições para a aprendizagem e a desigualdade se perpetua. No entanto, algumas escolas e redes de ensino comprovam que é possível romper com essa realidade. É o que mostra o estudo Excelência com Equidade.

O Excelência com Equidade

Em 2012, a Fundação Lemann, em parceria com o Itaú BBA, levantou histórias de instituições públicas em todo Brasil com resultados surpreendentes no Ensino Fundamental 1. Em 2016, com apoio do Instituto Credit Suisse Hedging-Griffo, traz bons casos nos anos finais. O desafio de identificar escolas de sucesso do 6º ao 9º ano em situações adversas se mostrou complexo. Isso porque, além do contexto, existem

fatores inerentes a essa fase que ajudam a aumentar o fracasso escolar. Entre eles, o fato de as novas aprendizagens dependerem de saberes que deveriam ter sido consolidados nas etapas anteriores e a fragilidade da formação docente em didática nos cursos de licenciatura. Diante desse quadro, os critérios de seleção utilizados no levantamento relacionado aos anos iniciais – como ter ao menos 70% dos estudantes com aprendizagens adequadas e apresentar um baixo porcentual de alunos com saberes insuficientes na Prova Brasil – tiveram de ser adaptados para encontrar escolas que estejam no caminho certo para alcançar a excelência com equidade.

Seis instituições e redes de ensino se destacaram e algumas ações comuns a todas ficaram evidentes para atingir os resultados. Entre elas:

- Estabelecer regras e uma organização escolar para que não se perca tempo pedagógico.
- Fazer um planejamento minucioso para acompanhar as escolas.
- Oferecer aulas que façam sentido para os alunos.

Veja, nas fichas a seguir, como essas escolas e redes incorporam esses pontos na prática. Para conteúdos extras, acesse novaescola.org.br/praticasdeexcelencia.

LIVRE-SE DAS AULAS CHATAS

O professor Ademir Almagro é conhecido por seu modo envolvente de ensinar.

“Dou aulas que eu gostaria de assistir”, conta ele, que hoje é coordenador pedagógico na EMEB Professora Hebe de Almeida Leite Cardoso, localizada em um dos bairros mais pobres de Novo Horizonte, no estado de São Paulo. Grande parte das famílias veio do Nordeste para trabalhar no corte da cana. O convívio com a violência e as drogas do entorno não impedem a escola de alcançar bons resultados. O segredo do docente, que lecionava História para classes de, em média, 30 alunos nos 8º e 9º anos, é contextualizar o conteúdo, quebrar a monotonia e revisar com a turma. Veja a seguir como ele faz.



FOTO GABRIELA PORTILHO



EMEB Professora Hebe de Almeida Leite Cardoso
Novo Horizonte (SP)



6,5 Ideb dos anos finais
(2015)



Ademir Almagro
Professor de História e coordenador pedagógico



Dava aulas que nem eu aguentava e os resultados eram desastrosos. Então, li mais de 30 livros sobre Educação e aprimorei minha didática. ”

TURMA SITUADA NO CONTEÚDO

• Enquanto a garotada se ajeita nas carteiras, nos cinco minutos iniciais da aula, Ademir faz um resumo no quadro sobre o tema a ser tratado. Isso contextualiza os alunos e serve de modelo para que eles aprendam essa estratégia de estudo.

• Ele não entrega tudo de mão beijada! O professor deixa algumas **lacunas** no esquema para ser preenchidas junto com a turma em sala.

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914 – 1918)

É MUNDIAL PORQUE _____

AS CAUSAS DA GUERRA SÃO:

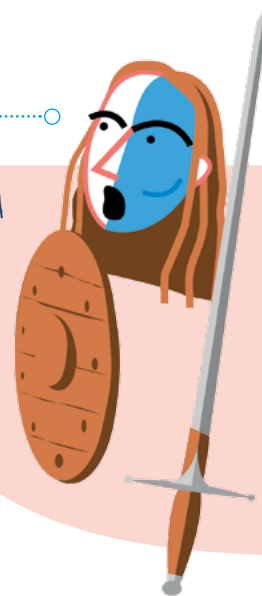
1. _____
2. _____
3. _____

• “O que isso tem a ver com a minha vida?” É o que muitos alunos se perguntam ao terem aulas sobre algo que não entendem. **Fazer relações** entre o conteúdo e algo familiar a eles os ajuda a atribuir sentido ao saber.

“O filme *CORAÇÃO VALENTE* MOSTRA UMA TÉCNICA DE BATALHA SEMELHANTE À USADA NO INÍCIO DA PRIMEIRA GUERRA. A ALTA MORTALIDADE DECORRENTE DESSA ESTRATÉGIA, COM AS ESPADAS SUBSTITUÍDAS POR ARMAS, FEZ COM QUE COMEÇASSE O USO DAS TRINCHEIRAS, MUDANDO A FORMA DE GUERREAR. PASSO UM TRECHO DO FILME PARA FAZER ESSA CONEXÃO.”

• Selecionar o que é **essencial** abordar do material didático é também parte do trabalho docente. Afinal, o livro é somente um apoio para a aula, e não ela em si. Segundo Ademir, trocar ideias com colegas mais experientes ajuda nessa tarefa.

OS NOMES DAS DINASTIAS ENVOLVIDAS NA PRIMEIRA GUERRA NÃO SÃO TÃO RELEVANTES QUANTO AS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DELA.

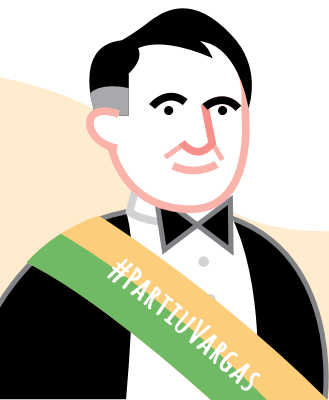


MONOTONIA NUNCA MAIS

- Nada de ficar sentado na cadeira ou encostado em um canto durante a aula. Circular pela sala evita que os alunos se distraiam entre si. Além disso, é uma forma de interagir com todos os estudantes, e não apenas com os das primeiras carteiras.

- Cada aluno aprende de um jeito – alguns entendem melhor ao escutar a explicação, outros precisam anotar para assimilar o conteúdo. Ter momentos diversificados para ouvir, falar, ler e escrever sobre o tema amplia as oportunidades de aprendizagem.

- Misturar o conteúdo com elementos populares entre os alunos, como **gírias** ou músicas da moda, ajuda a mantê-los ligados.



"IMAGINE QUEBRAR A SERIEDADE DE UMA AULA SOBRE A REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL DIZENDO: 'HASHTAG PARTIU VARGAS? É RISADA NA CERTA.'"

JOGO DA REVISÃO

- Que tal aproveitar o finalzinho da aula, quando a turma já começa a ficar impaciente, para revisar o que foi visto? Ademir faz isso com um jogo de perguntas e respostas. Mas nada de decoreba! O ideal é elaborar **questões** que estimulem o raciocínio dos alunos.

BONS EXEMPLOS

"QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DA PRIMEIRA GUERRA PARA O BRASIL?"

"EXPLIQUE UMA DAS CAUSAS DO CONFRONTO."



MAUS EXEMPLOS

"EM QUE DIA EXATAMENTE A GUERRA COMEÇOU?"

"QUAIS OS NOMES DAS DINASTIAS QUE GOVERNARAM OS PAÍSES ENVOLVIDOS?"



- Para que todos se empenhem em pensar nas respostas, Ademir tem um truque. "Primeiro pergunto e depois **sorteio** quem vai responder", conta.



O PROFESSOR USA DOIS DADOS PARA ISSO: UM INDICA O NÚMERO DA FILEIRA QUE O ALUNO ESTÁ E O OUTRO A POSIÇÃO DA CARTEIRA NA FILA.

- Caso o estudante erre, outro é sorteado na sequência. Depois, o docente volta a perguntar ao aluno que errou para que ele possa **responder** corretamente. Assim, todos ficam ligados na revisão.



- Ademir mantém o resumo feito no quadro para a garotada consultar. Afinal, a ideia não é pressionar os alunos a já dominar algo que ainda está sendo aprendido, mas ajudá-los a assimilar o novo conhecimento. Então, nesse momento, vale colar!

PARA SABER MAIS

- *Aula Nota 10*, de Doug Lemov.
- *Prova: Um Momento Privilegiado de Estudo, Não um Acerto de Contas*, de Vasco Pedro Moretto.
- *Aprendendo Inteligência*, de Pierluigi Piazzini.

DIRETOR: PARCEIRO NA SALA DE AULA



FOTO GABRIELA PORTILHO

Ao ver o entorno da EEF Miguel Antonio de Lemos, com ruas de terra batida, estudantes chegando no pau de arara e a paisagem árida do sertão, não dá para imaginar o tamanho dos resultados que ela alcança. Na zona rural de Pedra Branca, no Ceará, a escola, com cerca de 130 alunos, atende filhos de agricultores. Mais de um terço das pessoas acima de 18 anos é analfabeta. Contrariando as estatísticas, os alunos aprendem cada vez mais. Uma das estratégias do diretor Amaral Barbosa é participar do acompanhamento pedagógico fazendo observação das aulas. Para isso, ele estabeleceu um pacto com os professores, compartilhando os critérios que usa e sempre fazendo uma devolutiva, em que reconhece as boas práticas, mas também propõe mudanças.


 **EEF Miguel Antonio de Lemos**
Pedra Branca (CE)

 **5,1** Ideb dos anos finais (2015)



Amaral Barbosa
Diretor escolar



Eu divido com a coordenadora as observações de sala. A meu ver, o coordenador não precisa exercer funções administrativas, mas o diretor tem a obrigação de ser pedagógico. 

SERÁ QUE QUEREM ME FISCALIZAR?

• É comum alguns professores se sentirem inseguros em ter as aulas assistidas pela direção. Na escola de Amaral, a ideia surgiu em uma reunião com os docentes. Mesmo assim, antes de iniciar a prática, ele conversou com cada um para tranquilizar e esclarecer que a ideia não era criticá-los, mas contribuir para a aprendizagem dos alunos.

• É fundamental **compartilhar** com os docentes tudo o que será observado. Isso diminui as desconfianças, além de apontar o que é relevante na hora de ensinar. Nada é imposto, mas acordado entre todos.

• A prática sistemática da observação faz com que os professores assumam uma postura crítica e investigativa sobre o próprio trabalho. Todo mês, Amaral dedica um tempo da rotina para passar nas salas, sem dizer aos docentes quando vai ser. São 14 professores e dez turmas. Em média, ele consegue ir em **quatro salas em um dia**.

○ EM ESCOLAS MAIORES, O TEMPO DE VISITA PODE SER AMPLIADOS PARA CONTEMPLAR A TODOS.



PARA O DIRETOR

OBSERVAÇÃO DE SALA DE AULA

MAIS UM NA TURMA

- Em classe, o diretor senta-se em uma carteira ao fundo. Caso haja uma dinâmica em grupos, ele entra em um deles para participar. Com a rotina de observações, os alunos já não estranham Amaral, e essa proximidade ajuda a identificar a **receptividade** deles à proposta.

“CASO UM PROFESSOR ESTEJA DEBATENDO UM ASSUNTO QUE ENVOLVE ORALIDADE, OBSERVO: O ESTUDANTE ESTÁ FAZENDO UM DISCURSO CRÍTICO? OU ELE É APENAS PASSIVO EM RELAÇÃO AO QUE LHE É COLOCADO?”



- Amaral tem um **roteiro** de observação que o ajuda a levantar indicadores claros sobre o que pode ser aprimorado. Alguns itens essenciais são: objetivos da aula, relação dos alunos com o professor, ambiente em sala, valorização do saber da garotada e avaliações.

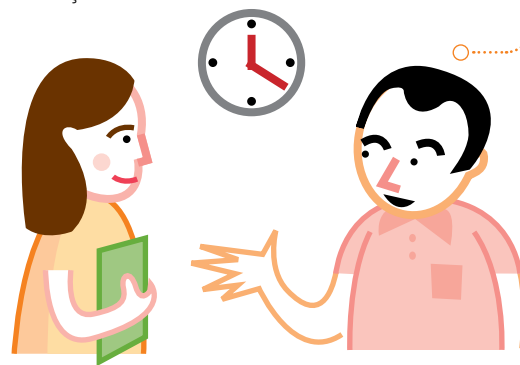
ALGUMAS QUESTÕES PREPARADAS POR AMARAL SÃO:

- ✓ O PLANEJAMENTO CONTEMPLA A HETEROGENEIDADE DA TURMA, PROMOVENDO AVANÇOS PARA OS QUE TÊM MAIS DIFICULDADES E DESAFIOS AOS QUE ATINGIRAM AS EXPECTATIVAS?
- ✓ O PROFESSOR ESTABELECE DIÁLOGO, LANÇA QUESTÕES E INCENTIVA OS ALUNOS A SE MANIFESTAREM, DANDO OPORTUNIDADES DE FALA PARA TODOS?
- ✓ HÁ CLAREZA AO APRESENTAR AS ATIVIDADES AOS ALUNOS? O PROFESSOR EXPLICA OS OBJETIVOS E ORIENTA COMO PODERÃO REALIZÁ-LOS DA MELHOR FORMA?
- ✓ VERIFICANDO-SE OS CADERNOS DOS ALUNOS, HÁ COERÊNCIA ENTRE PLANEJAMENTO, ORIENTAÇÕES E ATIVIDADES DE SALA DE AULA?
- ✓ O PROFESSOR DEMONSTRA MOTIVAÇÃO E ENTUSIASMO QUANDO EXPLICA UM DETERMINADO CONTEÚDO?
- ✓ A AVALIAÇÃO POSSIBILITA AO ALUNO COMPREENDER SUAS DIFICULDADES E NECESSIDADES?

HORA DA DEVOLUTIVA

- Amaral reserva 20 minutos logo depois da aula para conversar com o professor sobre suas observações. Essa etapa é fundamental para dar sentido à prática. Sem um retorno claro e objetivo, os professores se sentem vigiados e as oportunidades de melhora nas estratégias didáticas não se materializam.

- Na devolutiva, ele começa destacando os pontos positivos do que foi feito pelo docente. Em seguida, coloca os problemas já **sugerindo** soluções.



“UM PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NÃO HAVIA EXPLICITADO PARA A TURMA O OBJETIVO DA AULA DE APRIMORAR A COMPREENSÃO TEXTUAL. RESSALTEI QUE, ASSIM COMO EU DEVERIA SER CLARO SOBRE COMO ELE PODERIA MELHORAR SUA PRÁTICA, É ESSENCIAL OS ALUNOS ENTENDEREM O QUE É ESPERADO DELES.”

OUVIR TAMBÉM É IMPORTANTE

- Amaral criou um canal de comunicação para que ele também seja avaliado pela equipe. Um momento é reservado para isso durante as reuniões bimestrais de análise das propostas desenvolvidas. “Estabelecemos, assim, um elo de confiança”, finaliza o diretor.

PARA SABER MAIS

- *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire.
- Roteiro completo das observações do diretor Amaral em: novaescola.org.br/praticasdeexcelencia

TRABALHO EM REDE

Uma cidade em meio à caatinga chama a atenção pelas conquistas em Educação. Brejo Santo, no Ceará, tem algumas de suas escolas entre as de maior Ideb dos anos finais do Ensino Fundamental, e não são casos isolados no município, que vem aumentando seus índices a cada ano. Nada mau para uma cidade em que quase metade da população vive na pobreza e um quarto das pessoas de mais de 18 anos é analfabeta, de acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. A formação continuada, com visitas periódicas a todas as escolas, é um dos principais trunfos da rede, segundo Francisco Jucelio dos Santos, coordenador pedagógico da Secretaria Municipal de Educação. Veja como a prática acontece.



FOTO TIAGO HENRIQUE



Secretaria Municipal de Educação
Brejo Santo (CE)



6,7 Ideb dos anos finais
(2015)



Francisco Jucelio dos Santos
Coordenador pedagógico da
Secretaria Municipal de Educação



Achar que o professor é o único responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos é simplista. Educação se faz em conjunto, com todas as instâncias envolvidas. Juntos, formamos uma rede de estudo e troca de experiências. ”

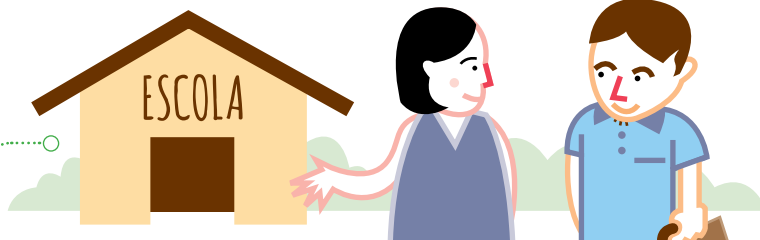
LADO A LADO COM O PROFESSOR

• Para planejar as formações, é preciso conhecer a realidade das escolas. Em Brejo Santo, os formadores de cada área dos anos finais e do anos iniciais da secretaria vão às 37 unidades da rede a cada dois meses para fazer as observações de sala. São 15 escolas que atendem do 6º ao 9º ano e cinco formadores para essa etapa. Já nos anos iniciais, há um para cada ano e três para a Educação Infantil.

• A equipe que faz as **visitas** é a mesma que ministra as formações, assim fica mais fácil saber o que observar em sala, planejar os estudos coletivos e acompanhar os avanços conquistados. Cada técnico assiste de duas a três aulas (em parte ou integralmente) em um dos turnos.

• Para compreender melhor as dificuldades docentes e os pontos que podem ser aprimorados, o formador segue três passos:

1. Analisar o plano de aula. “Todos os professores fazem planejamentos semanais.



Ao ver esse material, o técnico da secretaria observa o que há de interessante e, se for o caso, sugere estratégias que poderiam ser incorporadas”, conta Jucelio.

2. Acompanhar a atuação em sala.

As observações seguem um **roteiro**, que inclui uma parte de autoavaliação para ser preenchida pelos alunos e outra pelo próprio professor. Assim, o diretor entende os desafios enfrentados por esses dois grupos.



VEJA UM MODELO DE ROTEIRO
USADO POR JUCELIO
EM: [NOVAESCOLA.ORG.BR/
PRATICASDEEXCELENCIA.](http://NOVAESCOLA.ORG.BR/PRATICASDEEXCELENCIA)

PARA O TÉCNICO PEDAGÓGICO

ACOMPANHAMENTO DA SECRETARIA

3. Realizar uma devolutiva com o professor.

O técnico pedagógico faz uma conversa de 20 minutos depois da aula para abordar os pontos fortes e as fragilidades do que viu. Esse retorno é essencial para que a visita não seja vista como fiscalização. Quando é algo que pode ser aperfeiçoado pelo professor durante a aula, a **sugestão** é feita na hora.

“EM UMA AULA DE INTERPRETAÇÃO TEXTUAL, NOTEI QUE SEMPRE OS MESMOS ALUNOS PARTICIPAVAM, ENQUANTO OS COM MAIS DIFICULDADE FICAVAM À MARGEM. ENTÃO, PROPUS QUE A SALA FICASSE ORGANIZADA EM GRUPOS PARA QUE TODOS TIVESSEM A CHANCE DE FALAR.”

ENVOLVENDO A GESTÃO ESCOLAR

• Para que possam acompanhar a evolução do trabalho docente em sala, a equipe da rede compartilha com os gestores escolares tudo o que foi observado e combinado, e cada um fica com uma cópia dos registros feitos.

• Caso seja identificado em sala de aula algo que não dependa somente do professor para ser solucionado, o membro da equipe da secretaria e os gestores **estudam juntos** o que pode ser feito.

“SE TEMOS UM DOCENTE DANDO AULAS PARA UM ANO EM QUE SE SINTA INSEGURO, PODEMOS ENTENDER QUE SEJA MELHOR REMANEJÁ-LO PARA UM ANO EM QUE ELE FIQUE MAIS À VONTADE.”



• Quando acabam as visitas às escolas, a Secretaria Municipal de Educação reúne os gestores para discutir as dificuldades encontradas e propor as intervenções necessárias. Com um roteiro próprio, os coordenadores escolares seguem com as observações de aula.

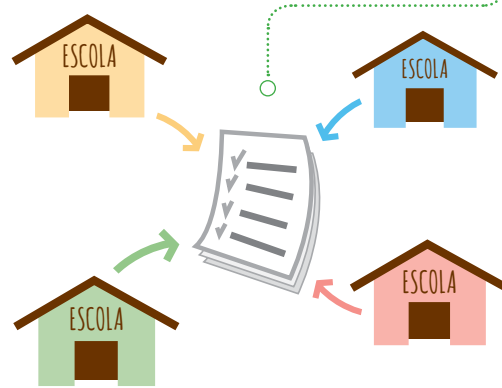
TROCA DE EXPERIÊNCIAS

• Os formadores entregam a Juclio as anotações feitas durante a visita, com os avanços e dificuldades observados. Os problemas mais recorrentes são tema de formações realizadas na secretaria bimestralmente com os professores.

• A segmentação é importante para tratar as especificidades didáticas e de conhecimento, então as reuniões ocorrem por área. Tanto em Ciências da Natureza e Matemática quanto em Linguagens e Códigos, há separação em dois grupos: um com 6º e 7º anos e outro com 8º e 9º.

• Os gestores escolares têm formações próprias, após os encontros com os docentes. Nelas, são discutidas as dificuldades diagnosticadas – sobretudo as de gestão – e intervenções são propostas.

• Em cada encontro de Brejo Santo, há um momento de **socialização dos projetos de sucesso** e das angústias entre as escolas. Assim, boas práticas são disseminadas na rede. Essa troca constante exige confiança. Então, nada do que é conversado em privado é exposto publicamente nas formações.



PARA SABER MAIS

- Materiais do programa Gestão da Aprendizagem Escolar (Gestar), do Ministério da Educação (MEC).
- *Leitura Literária na Escola: Reflexões e Propostas na Perspectiva do Letramento*, de Renata Junqueira de Sousa, Berta Lúcia Tagliari Feba (organizadoras).